



Percorso metodológico de uma pesquisa medieval em estudos linguísticos sobre a “língua italiana”

Jefferson Evaristo¹

Resumo: O país que hoje convencionamos chamar de Itália – mas que, em sua história tomada como “território” passou por diferentes fases e, conseqüentemente, por diferentes nomes – é um dos contextos sociolinguísticos mais particulares do mundo, dada a sua multiplicidade de línguas e de línguas em contato em territórios relativamente pequenos. Nosso texto tem por objetivo apresentar os recursos metodológicos que permitiram que uma pesquisa sócio-histórica e linguística fosse realizada sobre a situação da nascente língua italiana nos séculos XIV e XV, especialmente. A proposta faz parte de nossa investigação doutoral, finalizada em 2019 e com resultados já indicados em outras ocasiões (SILVA-ALVES, 2020; SILVA, 2017; EVARISTO, 2017).

Abstract: The country that we now agree to call Italy - but which in its history taken as “territory” has gone through different phases and, consequently, under different names - is one of the most particular sociolinguistic contexts in the world, given its multiplicity of languages and languages. languages in contact in relatively small territories. Our text aims to present the methodological resources that allowed a socio-historical and linguistic research to be carried out on the situation of the nascent Italian language in the 14th and 15th centuries, especially. The proposal is part of our doctoral research, completed in 2019 and with results already indicated on other occasions (SILVA-ALVES, 2020; SILVA, 2017; EVARISTO, 2017).

Palavras-chave: Metodologia; Língua italiana; Tese; História social

Keywords: Methodology; Italian language; Thesis; Social history

¹ Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ e em Língua Portuguesa pela UERJ. Mestre em Letras Neolatinas. Especialista em Tradução em Língua Italiana pela UERJ. Bacharel e licenciado em Letras Português – Italiano. Professor de língua portuguesa na UERJ.

<http://lattes.cnpq.br/7711892450310178>

<https://orcid.org/0000-0002-7561-5400>

E-mail: jeffersonpn@yahoo.com.br





Introdução

O país que hoje convencionamos chamar de Itália – mas que, em sua história tomada como “território” passou por diferentes fases e, conseqüentemente, por diferentes nomes – é um dos contextos sociolinguísticos mais particulares do mundo, dada a sua multiplicidade de línguas e de línguas em contato em territórios relativamente pequenos.

Um país com considerável variedade sociocultural, política, étnica e religiosa, a Itália apresenta uma possibilidade frutífera de investigações históricas e linguísticas. Entretanto, no contexto brasileiro, essas pesquisas são praticamente inexistentes, como o mostram Casini e Romanelli (2011). Ainda que haja cursos de pós-graduação específicos em língua italiana na UFRJ e na USP – o que, ao menos em tese, garantiria pesquisas sendo feitas sobre a língua –, o interesse pela investigação histórica, social e linguística da Itália é consideravelmente reduzido.

Nosso texto tem por objetivo apresentar os recursos metodológicos² que permitiram que uma pesquisa sócio-histórica e linguística fosse realizada sobre a situação da nascente língua italiana nos séculos XIV e XV, especialmente. A proposta faz parte de nossa investigação doutoral, finalizada em 2019 e com resultados já indicados em outras ocasiões (SILVA-ALVES, 2020; SILVA, 2017; EVARISTO, 2017).

Na ocasião do doutorado, debruçamo-nos sobre as relações de contato linguístico, história social e políticas linguísticas (ainda que, no período cronológico analisado, o conceito não tivesse sido cunhado e estivesse em uso) da emergente língua que passaria a ser conhecida como língua italiana. Situados nos séculos XIV e XV, fomos traçar possibilidades para a língua que não fossem as já “comuns”: interessava-nos observar a língua italiana em outros aspectos que não fossem aqueles habituais das pesquisas realizadas na própria Itália. Dissemos uma vez quando da tese e tornamos a dizer que convém ressaltar que existem outras obras que já se debruçaram sobre o processo da unificação italiana, como as escritas por Migliorini (2016), Cella (2015), De Mauro (2011), Serianni (2011), Marazzini (1999), Lanuzza (1994) e outros (sócio)linguistas e historiadores italianos. Suas obras, de relevância indiscutível, não respondem a uma

² Em outro texto (EVARISTO, 2016), apresentamos também os recursos metodológicos de nossa dissertação de mestrado. Com essas exposições, objetivamos dar a futuros pesquisadores a possibilidade de terem acesso a textos explicativos sobre as pesquisas que eles mesmos, um dia, farão.





pergunta fundamental: “de que coisa se ocupa a história da língua?”³ (SERIANNI, 2015, p. 3). Dito de outra forma, e de maneira mais aprofundada, ainda que se discutam os objetivos de descrição da história de uma língua, permanece uma questão fundamental: sob qual perspectiva esse estudo será realizado?

É o ponto em que nossa pesquisa se distanciou daquelas já realizadas pelos autores “consagrados” citados anteriormente. Todos eles, de maneira direta e/ou indireta, abordam a unificação da língua italiana e a sua história numa perspectiva puramente descritivo-filológica, apontando as modificações ocorridas quando da “passagem” do latim para o italiano ou as questões estruturais do sistema linguístico (como a morfologia, sintaxe, fonética e fonologia, por exemplo). Uma discussão sobre as políticas linguísticas⁴ – compreendidas aqui como ações de gestão, organização e/ou implementação de decisões sociolinguísticas –, por exemplo, é sempre negligenciada, ao passo em que aquelas sobre a história social do italiano, com a consequente inter-relação com os aspectos linguísticos, são inferiorizadas. Fato semelhante acontece quando tomamos como prisma o contato linguístico (EVARISTO, 2018 et ali; EVARISTO, GULLO e GENOVA, 2018), uma vez que a língua italiana standard “apaga” as outras línguas existentes na região (SILVA, GULLO e GENOVA, 2018). Não há, portanto, uma discussão sobre “contato”, uma vez que a situação é de conflito, colonização, apagamento e silenciamento.

Foi nesse contexto que voltamos nossos olhares para o período destacado, buscando entender quais foram os elementos, fatores e motivações que construíram a língua de então. O caminho da pesquisa poderá ser visto nas próximas páginas.

³ “Di che cosa si occupa la storia della lingua?” (tradução nossa).

⁴ Para tanto, recomendamos a observação de nosso aprofundamento sobre o tema em Evaristo (2018a; 2018b).





Percurso metodológico de uma pesquisa em estudos linguísticos sobre a língua italiana

Na seção anterior, apresentamos a expectativa do texto e as partes que o compõem. Nesta seção, definiremos as características da pesquisa que foi realizada, com a exposição das perguntas que a nortearam.

| 4

Tema da pesquisa

Análise da influência dos literatos do trecento, quatrocento e início do cinquecento italiano – especialmente Dante Alighieri –, da Igreja e da invenção da imprensa como elementos motivadores da posterior unificação da língua italiana a partir das teorias do contato linguístico (GUISAN, 2015; LAGARES et al, 2011; GONÇALVES, 2011; TRIFONE, 2010; BALBONI, 2002; THOMASON, 2001; CHAMBERS E TRUDGILL, 1980), políticas linguísticas (CALVET, 2007) e história social (BERRUTTO, 2018, 1995; EVERETT, 2012; LANUZZA, 1994). Investigação dos eventos anteriores ao referido processo que foram fundamentais para a sua efetivação posterior.

Problematização, pergunta da pesquisa e objetivos

Feita a introdução e a justificativa de nossa pesquisa, apresentado o seu tema e também considerando a sua relevância e motivação, fez-se necessário que diferentes perguntas fossem formuladas, explicitando o que, neste trabalho, buscamos responder no decorrer da investigação.

De maneira imediata, uma questão de pesquisa se colocava ao pesquisador desta tese: o evento da unificação da língua italiana, datado no século XIX poderia ser entendido apenas como sendo um evento circunscrito cronologicamente ao período citado? Parecia-nos que não, mas a literatura italiana sobre o tema – Cella (2015), Serianni (2015; 2011), De Mauro (2011), Marazzini (2012), Lanuzza (1994), dentre outros – não fazia articulações entre o evento da unificação e seus (possíveis) eventos anteriores. Era





como se a unificação fosse um evento com motivações exclusivas do século XIX ou restrita aquele momento.

O cenário causava-nos, pois, uma inquietação, uma questão de pesquisa. Seria necessário investigar quais eventos poderiam ser entendidos como “precursores” da unificação da língua italiana.

Delimitando a questão, foi possível chegar especificamente ao período compreendido que indicamos, notadamente observando a atuação dos literatos da época, como Dante Alighieri, tal como a influência da Igreja e da imprensa. Surgia, pois, a questão de pesquisa da tese:

Qual a influência dos literatos italianos, da Igreja e da imprensa (séculos XIV a XVI) na unificação da língua italiana?

Como desdobramento da questão da tese, outras perguntas específicas foram realizadas:

1) De que maneira e em que medida os literatos do trecento, quatrocento e início do cinquecento foram importantes para a unificação da língua italiana?

2) De que maneira as teorias sobre contato linguístico, políticas linguísticas e história social contribuem para a compreensão do processo de unificação da língua italiana?

3) Quais e como estão envolvidos os elementos que permitem que o fiorentino alcance o status de “língua italiana standard”?

4) Como se inter-relacionam contato linguístico, políticas linguísticas e história social numa pesquisa sobre estudos linguísticos?

As perguntas elencadas acima foram aquelas que, no decorrer de nossas análises, orientaram o texto e, anteriormente à escrita, orientaram o recorte, a leitura, a sistematização dos dados e a estruturação dos argumentos.





Ainda como decorrência das perguntas apresentadas acima, alguns objetivos foram traçados, de forma a dar maior sentido e aplicabilidade às perguntas realizadas. Dessa forma, apresentávamos o seguinte objetivo geral:

1) Investigar e analisar a atuação dos literatos do período do trecento ao início do cinquecento, da Igreja Católica e da imprensa como elementos motivadores da unificação da língua italiana.

Não obstante, foi possível elencar os seguintes objetivos específicos:

1) Identificar e analisar a importância de Dante Alighieri como precursor de políticas linguísticas para o contexto da unificação da língua italiana;

2) Investigar e analisar a inter-relação entre políticas linguísticas, contato linguístico e história social da língua italiana no contexto da unificação da língua italiana;

3) Oferecer subsídios de investigação e compreensão da unificação da língua italiana tomando por base possíveis eventos motivadores pouco explorados.

Ficam expostos, desta feita, o cenário, a pergunta e os objetivos que motivaram a tese realizada.

Definição da pesquisa

Cumprindo ainda definir as características essenciais da pesquisa, de forma a situar os leitores e estabelecer a forma como os dados foram vistos, coletados, interpretados e analisados.

Em primeiro lugar, será necessário expor aquilo que consideramos uma pesquisa:

a pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento. A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer





um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 139)

É aquilo que Umberto Eco (2001, p. 1) denomina como uma investigação num campo de estudos em que um pesquisador quer se formar, “um tipo de trabalho científico que levanta, coloca e soluciona problemas; argumenta e apresenta razões baseadas na evidência dos fatos” (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 228). É, como observa Severino (2016), uma análise investigativa que implica uma discussão epistemológica, metodológica e interpretativa com o objetivo de responder a perguntas do campo de estudo, trabalho e pesquisa de seu autor.

Assim sendo, definimos a pesquisa aqui realizada com o sendo qualitativa. Segundo Santade (2014, p. 99), “a pesquisa qualitativa define-se como um estudo não estatístico, que identifica e analisa, de forma acurada, dados de difícil mensuração”, tratando o objeto de forma subjetiva e interpretando-o com base não em estatísticas, tabelas e gráficos, mas em análises de cunho interpretativo, efetivadas por um pesquisador-observador (ou um professor-pesquisador, pelas palavras de Bortoni-Ricardo [2008]). Tal postulada epistemológico se opõe a um outro, quantitativo, que “faz uso intenso de técnicas estatísticas, correlacionando as variáveis e verificando o impacto e a validade do experimento” (SANTADE, 2014, p.98), tendo como uma de suas principais características a “descrição dos significados considerados como inerentes a objetos, atos e fatos” (ibid).

Pesquisas qualitativas vêm sendo aplicadas nas ciências da linguagem há algumas décadas, posto que novas concepções e necessidades de pesquisa demandam novas formas de investigação e procedimentos metodológicos. Tais mudanças foram fundamentais, possibilitando o entendimento de questões que, até então, não eram possíveis sob um prisma positivista – de caráter dedutivo e subserviente a uma ideia de “observação e interpretação da realidade”, seja lá o que se entenda como “realidade”.

Assim, nossa opção científica para definição da pesquisa foi a de conduzi-la como uma pesquisa qualitativa, indutiva, de forma a proporcionar “compreensão dentro da ambiência segundo os passos de uma observação científica” (ibid, p. 99).

Cassel e Symon (1994 apud SANTADE,2014, p. 100) definem algumas das linhas gerais de uma pesquisa qualitativa. São elas:





- a) Um foco na interpretação ao invés de na quantificação: geralmente o pesquisador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sob o estudo;
- b) Ênfase na subjetividade ao invés de na objetividade: aqui se aceita que a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes;
- c) Flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permitem a definição exata e a priori dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) Orientação para o processo e não para o resultado: a ênfase está no entendimento de um processo dinâmico e não num objetivo pré-determinado e estanque, como na pesquisa quantitativa;
- e) Preocupação com o contexto, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência;
- f) Reconhecimento do impacto do processo de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o pesquisador exerça influência sobre a situação de pesquisa e é por ela também influenciado.

Por fim, esse postulado epistemológico para as pesquisas exige que os pesquisadores sejam flexíveis e suscetíveis a mudanças (teóricas, metodológicas e epistemológicas, principalmente), sendo ainda observadores atentos de seus objetos investigados, entendendo por fim que “nada na pesquisa é estanque” (SANTADE, 2014, p. 109) e que “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34)

Ao mesmo tempo, as análises foram feitas a partir de um paradigma interpretativista de pesquisa. Dessa forma,

segundo o paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32)





O foco de uma pesquisa qualitativa-interpretativista está, consideremos, no sentido, na interpretação que o pesquisador faz de seus dados. Importam aqui não os números absolutos, as generalizações e as porcentagens, mas as interpretações, as “leituras” do pesquisador sobre seus dados. “A pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações” (ibid, p. 42). Entendemos ainda que, implicado no processo de análise, o pesquisador somente pode apreender com profundidade as informações dos contextos socioculturais em que se insere – daí a necessidade de essa pesquisa ser realizada, antes de tudo, por professores-pesquisadores (BORTONI-RICARDO, 2008).

Ao mesmo tempo, embora essa pesquisa não tenha sido de cunho quantitativo, valemo-nos – em menor grau – de determinados procedimentos desse paradigma de pesquisa, como as tabelas e porcentagens. A fim de melhor interpretar – de forma qualitativa – os dados de que dispomos. O postulado quantitativo entra, portanto, como um suporte ao qualitativo, naquelas ferramentas que podem ajudar esse a ser melhor realizado.

Santade (2014, p. 101-102, adap) demonstra como uma inter-relação entre os dois paradigmas de pesquisa, quantitativo e qualitativo, pode ser realizada, sendo ambas proveitosas para o processo de investigação. Segundo a autora:

- a) As duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto;
- b) Uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda sua complexidade, através de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;
- c) A descrição e entendimento de realidades variadas, de forma subjetiva e complexa, pode ser verificada através do estabelecimento de fatos e da observação numérica.
- d) Uma análise interpretativa e descritiva de determinado fenômeno pode ser empreendida com base no desenvolvimento de estatísticas e de questões quantitativas.





Nossa opção por empreender uma pesquisa qualitativa e interpretativista, com uso de algumas ferramentas quantitativas, deu-se por conta de nossa experiência e do corpus que constitui esta pesquisa. Ao entender que, enquanto professores, somos pesquisadores e enquanto pesquisadores, somos ativos no processo de pesquisa, pareceu-nos necessária e justa tal escolha. Obviamente, não nos seria possível analisar aquilo a que nos propomos baseados apenas em porcentagens e números absolutos, posto que os eventos que analisaremos demandarão uma interpretação subjetiva, própria de quem conhece o que investiga. Ao mesmo tempo, não nos valer dessas ferramentas seria prejudicial, posto que cooperam para a interpretação subjetiva que fazemos. Chegamos, portanto, à definição desta pesquisa e das ferramentas das quais dispomos para realizá-la.

Considerações finais

A proposta que os leitores puderam ter acesso aqui faz parte de um esforço do autor em oferecer aos pesquisadores exemplificações de caminhos metodológicos percorridos e finalizados. Foi também o que motivou, em outras ocasiões, a publicação de Silva-Alves (2020) e Evaristo (2016). É um texto que importa, especialmente, a mestrandos e doutorandos, por vezes solitários e desacompanhados em suas investigações.

Esperamos com a escrita posta aqui que outros professores-pesquisadores possam se sentir orientados e, de certa maneira, ajudados em suas tarefas. Não que tenhamos a pretensão de indicar um caminho único, absoluto, isento de falhas ou com algo de perfeição; ao contrário, indicamos uma proposta que passou por maturação, esforço e labor, mas que foi concluída, com seus erros e acertos.

Desejamos que também outros pesquisadores possam ter a mesma experiência e, se algo do que escrevemos puder ser útil, terá valido nosso esforço.





Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007

AGOSTINHO, Santo. A cidade de Deus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
Disponível em <https://bit.ly/2xgpgMz> - acesso em 23/05/2019 às 16h42.

AIERRE. Il dialetto: dignità di comunicazione, dignità sociale. Bari: AIERRE, 1997.

ALBANESE, Carolina M.; ALBANESE, Luciana. La questione della lingua italiana attraverso i secoli. Revista Letras – Curitiba, UFPR. 1986.

ALIGHIERI, Dante. De vulgari eloquentia. Torino: UTET, 1986.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. História da Igreja – Idade Média. Lorena/SP: Cléofas, 2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

ARRIGONI, Maria Teresa. Dante, Petrarca, Boccaccio e a tradução. Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, v. VIII, p. 29-39, 2003.

AULETE, Caldas. Novíssimo Aulete – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

AVOLIO, Francesco. Lingue e dialetti d’Italia. Roma: Carocci Editore, 2017.

BACELAR, J. Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da impressão. Lisboa: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1999. Disponível em





<http://www.bocc.uff.br/pag/bacelar_apontamentos.pdf>. Acesso em 10/05/2019 às 18h33.

BAGNO, Marcos de A. Dicionário Crítico de Sociolinguística. São Paulo: Parábola, 2017

| 12

_____. O que é uma língua? Imaginário, Ciência e Hipóstase. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs.). 2011. Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011.

BALBO, Cesare. Storia d'Italia e altri scritti. Torino: UTET Libreria, 2011.

BALBONI, P. E. Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse. UTET Libreria. Itália, Torino: 2002.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. História concisa da língua portuguesa. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BEALES, Derek; BIAGINI, Eugenio F. Il Risorgimento e L'Unificazione dell'Italia. Bologna: Il Mulino, 2005.

BERRUTTO, Gaetano. 2018. Contatto Linguistico. Enciclopedia Treccani dell'Italiano - <http://migre.me/w2Jq3> - Acesso em 02/05/2019 às 11h39min.

_____. Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo. Roma: La Nuova Italia Editrice, 1995.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2013.

BILIA, Marilisa Bertechini. Análise lexical das interferências da língua portuguesa na língua italiana falada por italianos de nível universitário residentes na cidade de São Paulo. 01/11/1998 184 f. Mestrado em Letras (Língua e Literatura Italiana) Instituição de





Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

BLOCH, Marc. Apologia da história: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAIDA, Lodovico. Stampa e cultura in Europa tra XV e XVI secolo. Bari: Laterza, 2000.

BRITAIN, David. Contact and Dialectology. In HICKEY, Raymond. The Handbook of language contact. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell, 2013.

BRITO, Emanuel França de. Da prosa latina ao volgare: o nascimento de uma identidade linguística para além a poesia. Revista de Italianística da USP, v. 37, p. 87-94, 2018. Disponível em www.revistas.usp.br/italianistica/article/download/155653/151352/ - acesso em 13/06/2019 às 20h28.

BRITTO, Fabiano de L. Identidade cultural e formação individual: a Alemanha do século XIX e a fundação da pedagogia moderna. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 118, p. 217-233, jan.-mar. 2012.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. Revista Estudos Avançados, vol.16 no.44 São Paulo, 2002.

CALVET, Louis-Jean. As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola/Ipol, 2007.

CARNEIRO, M. T. (Org.). Pistas e travessias. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.





CARPEAUX, Otto Maria. A Idade Média por Carpeaux. Rio de Janeiro: Leya, 2012^a.

_____. O Renascimento e a Reforma por Carpeaux. Rio de Janeiro: Leya, 2012b.

CASINI, M. C.; ROMANELLI, Sergio. Italianistica in Brasile: ricerca di prospettive e prospettive di ricerca. In.It, v. 27, p. 16-21, 2011.

CASSELL, C., & SYMON, G. Qualitative Methods in Organizational Research. Sage Publications: London, 1994.

CASTAGNOLA, Luigi. Primeiro milênio da língua italiana. Revista Letras, v. 12 (1961). Disponível em <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19890> - acesso em 14/11/2018, às 17h22.

CELLA, Roberto. Storia dell'italiano. Il Mulino: Bologna/Italia, 2015.

CHAMBERS J. K.; TRUDGILL, P. Dialectology. New York: Cambridge University Press, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2016.

CHIAVEGATTO, V. (Org.). Pistas e Travessias II. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

COELHO, Flora Simonetti. Antologia della letteratura italiana – Dalle origini al quattrocento. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação editorial, 2005.

CÔELHO, Ildeu Moreira. A gênese da docência universitária. Linhas Críticas, Brasília, v. 14, n. 26, p. 5-24, jan./jun. 2008.

COUTO, Hildo Honório do. Linguística, Ecologia e Ecolinguística: Contato de Línguas. São Paulo: Contexto, 2009.





COUTO, Leticia R.; PEREIRA, Telma C. A.; SILVA, Maria I. A. da. Fronteiras territoriais e fronteiras linguísticas: análise ecolinguística em regiões de contato Brasil/Venezuela e Brasil/França: as “redes sociais” e a “arena de traços”. In: Mônica Maria Guimarães Savedra; Marco Antonio Martins; Dermeval da Hora. (Org.). Identidade Social e contato linguístico no português brasileiro. Rio de Janeiro: FAPERJ; EDUERJ, 2015.

CRIPPA, Giulia. A vida econômica e social na alta Idade Média italiana e a constituição do gênero representativo dos ciclos dos meses nos reinos longobardos e francos. História Revista - Revista da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, v.11, nº 1. 2006.

CRUPI, Gianfranco. Gli incunaboli italiani in lingua volgare: preliminari di una ricerca. Roma: Sapienza Università Editrice, 2012.

DE MAURO, Tullio. Storia linguistica dell'Italia unita. Bari: Laterza, 2011.

DANIEL-ROPS. A Igreja das catedrais e das cruzadas. São Paulo: Quadrante, 2014a.

_____. A Igreja dos apóstolos e dos mártires. São Paulo: Quadrante, 2014b.

_____. A Igreja da Renascença e da Reforma (I). São Paulo: Quadrante, 1996.

DIACONESCU, Roxana. L'italiano e i dialetti: alcune interferenze linguistiche. Craiova: Libreria Universitaria, 2008.

DISTANTE, Carmelo; COELHO, Flora Simonetti. Antologia della letteratura italiana. São Paulo: Editora Hucitec, 2008.

ECO, Umberto. Em busca da língua perfeita. Bauru: EDUSC, 2001.

ENDRUSCHAT, Annette; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. Introdução básica à linguística do português. Lisboa: Edições Colibri, 2015.





EVANGELISTI, Paolo. “Dunque non sognate, fate fatti non solo parole”: Bernardino de Siena e a proposta franciscana de uma religião civil. *Revista Varia História*, Belo Horizonte, v. 31, n. 55, p. 81-125, abr. 2015.

EVARISTO, Jefferson. Do bem comum da Pólis em direção à Cidade de Deus: o conceito de política em Agostinho de Hipona em comparação com Aristóteles. *MEDIEVALIS*, v. 7, p. 1-9, 2018a.

_____. O conceito de política no período antigo e medieval: Maquiavel e Aristóteles como bases epistemológicas da política contemporânea. *MEDIEVALIS*, v. 7, p. 1-9, 2018b.

_____. As bases da Unificação Italiana de 1861: o trecento de Dante Alighieri. In: XVII Colóquio de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, 2017, Rio de Janeiro. *Anais do XVII Colóquio de Pós-Graduação em Letras Neolatinas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2017. v. 1. p. 101-109.

_____. Modos de fazer da pesquisa acadêmica: descrição de uma experiência em análise de materiais didáticos de Língua Italiana. *CADERNOS NEOLATINOS (UFRJ)*, v. 1, p. 60-71, 2016

EVARISTO, Jefferson; ARRUDA, Larissa. S. ; ALVES, Davidson. M. V. ; BARROS, Isabela. C. . *Línguas e Culturas: Contatos, Conflitos, Nomadismos - à guisa de apresentação*. In: Jefferson Evaristo do Nascimento Silva et al. (Org.). *Línguas e Culturas: Contatos, Conflitos, Nomadismos*. 1ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2018, v. 1, p. 7-21.

EVERETT, Daniel. *Language: the cultural tool*. New York: Pantheon, 2012.

FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.





_____. Linguagem & Diálogo. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da História das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FONSECA, Maria C. B. A Arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil, de José de Anchieta, no quadro da gramaticalização de vernáculos europeus. Trabalho apresentado em Estudos em Homenagem ao Professor Doutor, In Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. Porto, 2005. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4555.pdf> - acesso em 02/07/2019 às 23h15.

FORTES, Fabio; PRATA, Patricia. O Latim hoje – reflexões sobre cultura clássica e ensino. São Paulo: Mercado de Letras, 2015.

FREDDI, G. Glottodidattica: Fondamenti, metodi e tecniche. Torino: UTET Libreri, 2006.

GALLO, Silvio. Filosofia: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2014.

GOMES, Andrea C. de S.; et ali. A história da língua italiana e sua escolha dentre tantas possibilidades. Revista Linguasagem, v. 22, n. 1, 2015.

GONÇALVES, Patrícia A. De babel a pandora: crise, cultura e identidade no multilinguismo italiano. In: XÓAN Lagares & MARCOS Bagno. (Org.). Políticas da Norma e Conflitos Linguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GUIMARÃES, M. O pensamento político de Dante Alighieri à luz da Filosofia Escolástica. 165f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2012.

GUISAN, P. F. G. O paradigma da língua na formação do nacionalismo brasileiro. In: Mônica Maria Guimarães Savedra; Marco Antonio Martins; Dermeval da Hora. (Org.).





Identidade Social e contato linguístico no português brasileiro. Rio de Janeiro: FAPERJ; EDUERJ, 2015.

_____. A criação de uma norma-padrão em francês: entre planejamento político e mito. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (orgs.). 2011. Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011.

| 18

HERTLING, Ludwig. Historia de la Iglesia. Barcelona: Editorial Herder, 1989.

HICKEY, Raymond. Contact and language swift. In HICKEY, Raymond. The Handbook of language contact. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell, 2013a.

_____. The Handbook of language contact. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell, 2013b.

ILARI, Rodolfo. Linguística Românica. São Paulo: Contexto, 2018.

JANSON, Tore. A história das línguas: uma introdução. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LAGARES, X. C. Continuidades e rupturas linguísticas na Península Ibérica. Revista da ABRALIN, v. Espec., p. 123-151, 2011.

_____. Sobre a noção de galego-português. Cadernos de Letras da UFF, v. 35, p. 61-82, 2008.

LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (orgs.). Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola, 2011.





LANUZZA, Stefano. Storia della lingua italiana. Roma: Tascabili Economici Newton, 1994.

LE GOFF, Jacques. Para Um Novo Conceito de Idade Média. Lisboa: Editorial Estampa, 1980

LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. História Social da Língua Nacional: diáspora africana. Rio de Janeiro: Nau Editora/FAPERJ, 2014.

_____. História Social da Língua Nacional: diáspora africana. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

LORENZETTI, Luca. Lessico. Enciclopedia Treccani dell’Italiano – acesso em 02/11/2018 às 12h11.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Hunter Books, 2011.

MARAZZINI, Claudio. La lingua italiana – profilo storico. Bologna: Il Mulino, 2012.

_____. Breve Storia Della Lingua Italiana. Bologna: Il Mulino editrice, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, Francisco Gomes de. Dicionário de linguagem e lingüística. DELTA, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 161-163, June 2005 .

MATTHEWS, P. H. Oxford Concise Dictionary of Linguistics. New York: Oxford, 2014.

MELO, Gladstone Chaves de. Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

MENDES, Norma Musco; SILVA, Gilvan Ventura da. Repensando o Império Romano: Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural. Espírito Santo: EDUFES, 2014.





MIGLIORINI, Bruno. *Storia della lingua italiana*. Milano/Italia: Tascabili, 2016.

MILZA, Pierre. *Storia d'Italia: dalla preistoria ai nostri giorni*. Milano: Editrice Corbaccio, 2005.

MINAYO, Maria C. de S; et al. *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. Petrópolis/RJ, Vozes, 1994.

MORA, Maria José Rodrigo. *Grammatichetta y Gramática: reflexión metalingüística en Alberti y en Nebrija*. In *Metalinguaggi e metatesti*. *Lingua, letteratura e traduzione*, XXIV Congresso AISPI (Padova, 23-26 maggio 2007), a cura di A. Cassol, A. Guarino, G. Mapelli, F. Matte Bon, P. Taravacci, Roma, AISPI Edizioni, 2012, pp. 697-707. Disponível em https://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/23/23_697.pdf - acesso em 02/07/2019 às 22h34

MUFWENE, Salikoko. *The Ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras - volume 3*. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

_____. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras - volume 2*. São Paulo: Cortez Editora, 2012a.

_____. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras - volume 1*. São Paulo: Cortez Editora, 2012b.

MUYSKEN, Pieter. *Scenarios for language contact*. In HICKEY, Raymond. *The Handbook of language contact*. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. *Prefácio*. In: CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.





PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué. (Coleção Patrística, Volume 1). São Paulo: Paulus, 1997

PAVAN, E. La cultura e la civiltà italiane e il loro insegnamento in una prospettiva interculturale; págs. 77 – 86; in: DOLCI, Roberto; CELENTIN, Paola. La formazione di base del docente di italiano per stranieri. Roma: Bonacci editore, 2000.

PIZZOLI, Lucilla. La lingua italiana negli anni dell'Unità d'Italia. Milano: Silvana Editoriali, 2011.

PROCACCI, Giuliano. Storia degli italiani. Volume secondo. Bari: Laterza, 2009.

QUEIROZ, Rita de C. R. A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual. In: VI CINFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005, Salvador. Anais eletrônicos. Disponível em http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf - acesso em 11/04/2019 às 18h24.

REVISTA de Italianística da ABPI. v.1, n.1. Curitiba: Unigraf/UFPR, 2009.

REVISTA de Italianística da ABPI. v.2, n.1. Curitiba: Unigraf/UFPR, 2009.

ROSSI, Miguel Ángel. Palavra e Política em Aristóteles: uma discussão com Platão e os sofistas. Prometeus: Revista do Mestrado em Filosofia da UFS, v. 8, ano 8, nº 17. 2015.

SABBATUCCI, Giovanni; VIDOTTO, Vittorio. Storia d'Italia: le premesse dell'Unità. Roma: Laterza, 1994.

SANTADE, Maria S. B. a metodologia de pesquisa: instrumentais e modos de abordagem. In: SIMÕES, Darcília M. P.; GARCÍA, Flavio. A pesquisa científica como linguagem e práxis. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.





SANTIPOLO, Matteo. *Dalla sociolinguística alla glottodidattica*. Torino: Utet, 2002.

SERIANNI, Luca. *Prima lezione di storia della lingua italiana*. Roma: Laterza, 2015.

SILVA, Elias Ribeiro da. A pesquisa em Política Linguística: histórico, desenvolvimento e pressupostos epistemológicos. *Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)*, v. 52.2, p. 289-320, 2013.

SILVA, J. E. N.. O nacionalismo no trecento: Dante Alighieri e o projeto de unificação política e linguística da Itália. In: XII Semana de Estudos Medievais, 2019, Rio de Janeiro. *Atas da XII Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: PEM/UFRJ, 2017. v. 1. p. 211-218.

SILVA, Renato Caixeta da. Estudos recentes em linguística aplicada no Brasil a respeito de livros didáticos de língua estrangeira. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)*. vol.10 Nº.1 Belo Horizonte, 2010.

SILVA, J. E. N.; GULLO, A.; GENOVA, L. de. La realtà linguistica dell'Italia nei libri didattici di italiano per stranieri: tra silenziamenti e omogeneità, la prevalenza dell'italiano standard. In: Jefferson Evaristo do Nascimento Silva et al. (Org.). *Línguas e Culturas: Contatos, Conflitos, Nomadismos*. 1ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2018, v. 1, p. 51-68.

SILVA-ALVES, Jefferson Evaristo do Nascimento. Do trecento ao quinhentos: história da língua italiana na perspectiva do contato e das políticas linguísticas. *Palimpsesto*, v. 19, p. 327-343, 2020.

TAVANI, Giuseppe. O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”. In MALEVAL, Maria do A. T. *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais*. UERJ: Rio de Janeiro, 1999.

THOMASON, Sara Grey. *Language Contact*. Edinburgh: University Press, 2001.





TRIFONE, Pietro. Storia linguistica dell'Italia disunita. Bologna: Il Mulino, 2010.

_____. Lingua e identità: una storia sociale dell'italiano. Roma: Carocci editore, 2006.

TRUDGILL, Peter. Contact and sociolinguistic typology. In HICKEY, Raymond. The Handbook of language contact. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell, 2013.

_____. Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society. London: Penguin Books, 2000.

VALVERDE, Antonio José Romera. Maquiavel e a origem política dos conceitos políticos Modernos. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.6, n.18, p. 85-89, out.2013-jan.2014.

VEYNE, Paul. O império greco-romano. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WINFORD, Donald. Contact and borrowing. In HICKEY, Raymond. The Handbook of language contact. New Jersey/USA: Wiley-Blackwell, 2013.

